

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

KARINA DIAS DA CUNHA

**LUDICIDADE, PLANEJAMENTO E INTENCIONALIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ENVOLVENDO O COTIDIANO
ESCOLAR E O DIÁLOGO COM O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA
ESTUDANTE DE PEDAGOGIA DA UFV**

VIÇOSA – MG

2017

KARINA DIAS DA CUNHA

**LUDICIDADE, PLANEJAMENTO E INTENCIONALIDADE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ENVOLVENDO
O COTIDIANO ESCOLAR E O DIÁLOGO COM O PROCESSO DE
FORMAÇÃO DE UMA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA DA UFV**

Trabalho apresentado como parte das exigências da disciplina EDU 388 – Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de licenciada em Pedagogia pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, sob a orientação da professora Ms. Natalia Rigueira Fernandes.

**VIÇOSA - MG
2017**

KARINA DIAS DA CUNHA

**LUDICIDADE, PLANEJAMENTO E INTENCIONALIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ENVOLVENDO O COTIDIANO
ESCOLAR E O DIÁLOGO COM O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA
ESTUDANTE DE PEDAGOGIA DA UFV**

APROVADA: 23 de novembro de 2017

Prof.^a. Ms. Natalia Rigueira Fernandes

(Orientadora)

Prof.^a. Ms. Arlene de Paula Lopes Amaral

(Examinadora)

Prof.^a. Ms. Cristiane Lopes Rocha de Oliveira

(Examinadora)

A Deus, meus familiares, meus amigos e mestres.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me abençoar e por ter me dado o privilégio de ter passado por esta universidade, além de me dar forças para superar todas as dificuldades e ânimo para seguir sempre em frente. Sem Ele não teria chegado aqui.

Agradeço também aos meus pais Maria da Glória Dias Carneiro da Cunha e Antônio João da Cunha, por estarem sempre ao meu lado me dando forças para seguir em frente e pelo amor incondicional. Aos meus irmãos Rebert e Marco Antônio, que também sempre estiveram ao meu lado me incentivando. E a todos os meus familiares e amigos que sempre estiveram me apoiando. A Lucas, por estar sempre ao meu lado me apoiando e por ter sido paciente em minhas ausências.

A todos os amigos e colegas da graduação que estiveram ao meu lado e torceram por mim. Aos meus professores da UFV, à minha orientadora do PIBID e as professoras com quem trabalhei também no PIBID, pelo convívio e aprendizagem. A minha orientadora Prof. Ms. Natalia Rigueira Fernandes, pela confiança depositada em meu trabalho, pela orientação e ensinamentos durante a construção deste artigo.

Agradeço também ao Colégio Anglo pela oportunidade e pelos ensinamentos durante os anos que lá passei, e a todas as professoras com quem trabalhei, os ensinamentos foram de grande importância para a minha formação.

Enfim, meu muito obrigada a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram de alguma forma com a minha formação.

RESUMO

O presente trabalho procura mostrar através de um relato de minha experiência como estagiária em uma escola privada no município de Viçosa como a prática cotidiana na Educação Infantil pode ser relacionada com a teoria estudada ao longo do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e; também trazer uma reflexão acerca de formas como a intencionalidade, o lúdico e o planejamento são ferramentas interessantes a serem utilizadas para melhor aprendizado e aquisição de conhecimento por parte dos educandos. O relato foi construído utilizando caderno de campo, participação e observação das aulas e o link com os autores foram realizados por meio de notas de aulas e textos oferecidos durante o curso. O principal resultado encontrado mostra que a prática embasada em teoria traz melhores resultados, o que reafirma a importância das teorias na formação do pedagogo. Em relação à intencionalidade o resultado encontrado mostra que o professor deve saber quando e como mediar a fim de não comprometer a criatividade da criança, o planejamento é necessário para nortear as ações do professor e o lúdico se mostra uma abordagem interessante para aprendizagem e fixação de conteúdo.

Palavras-chave: Relato de Experiência, Lúdico, Planejamento e Intencionalidade.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	8
2	ESTUDOS SOBRE A IMPORTANCIA DO LÚDICO, PLANEJAMENTO E INTENCIONALIDADE DO PROFESSOR	10
2.1	A Atividade Lúdica como estratégia para o desenvolvimento da criança.....	10
2.2	Planejamento e sua importância para a elaboração e reelaboração dos caminhos da prática pedagógica na Educação Infantil.....	12
2.3	A Intencionalidade e sua importância para o fazer pedagógico na Educação Infantil	13
3	O COTIDIANO ESCOLAR E O DIÁLOGO COM O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA DA UFV: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	16
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, para o qual optei por fazer um relato de experiência na Educação Infantil, teve por intuito relatar minha prática de ensino no decorrer do curso, e como este me auxiliou durante este período. Trata-se também de uma reflexão relacionada à importância do Lúdico, seus benefícios à aprendizagem de crianças, e, como as mesmas aprendem com maior facilidade e maior entusiasmo.

Os anos iniciais escolares nos remetem à ideia de brincadeiras, e esse trabalho tem as seguintes propostas de pesquisa: como o professor deve se posicionar diante destas brincadeiras; qual o papel do professor para maior aprendizagem dos alunos e qual a importância do lúdico para o desenvolvimento infantil?

Nesse sentido, o objetivo geral desse trabalho foi apresentar um relato de experiência sobre a prática cotidiana na Educação Infantil relacionando-o com as teorias abordadas no curso de pedagogia da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E como objetivos específicos, refletir sobre o papel do lúdico na Educação Infantil, discutir sobre a intencionalidade do professor e o planejamento para melhor aprendizagem e aquisição de conhecimento dos alunos.

Esse trabalho pode ser caracterizado como uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Minayo (2002), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (p. 21- 22). Sendo assim, ela corresponde a um espaço mais profundo das relações e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Trata-se de uma escrita narrativa em que, de acordo com Souza (2007), o autor parte de suas experiências, questiona e dá sentido às suas vivências de aprendizagem. Essa experiência foi registrada por meio de diário de campo, observação e participação. Também foi realizada uma revisão de literatura com teóricos que falam sobre o lúdico, planejamento e intencionalidade, sendo muitos deles estudados no decorrer do curso.

A primeira parte do trabalho é composta de um estudo bibliográfico com o intuito de reunir informações sobre os temas que serão explorados (planejamento, intencionalidade e lúdico); que Segundo Lima e Miotto (2007), se trata de um “procedimento metodológico que se oferece ao pesquisador como possibilidade na busca de soluções para seu problema de pesquisa” (p. 37). Os autores completam enfatizando sua importância para fundamentar teoricamente o objeto de estudo. Sendo assim, os teóricos foram utilizados para aprofundamentos em conceitos como intencionalidade do professor, planejamento e ludicidade.

A segunda parte é composta de um relato de experiência, que relaciona as vivências com

alguns autores estudados no decorrer do curso. A escolha por um relato de experiência se deve ao fato de ter passado, praticamente, toda a graduação em sala de aula atuando como estagiária, e muitas dessas vivências, remetiam a teóricos estudados e proporcionaram um diálogo interessante entre teoria e prática.

O presente trabalho tem como intenção provocar uma reflexão entre o teórico e o prático, realçando a importância de ambos para o aprimoramento do trabalho pedagógico nas escolas.

2 ESTUDOS SOBRE A IMPORTANCIA DO LÚDICO, PLANEJAMENTO E INTENCIONALIDADE DO PROFESSOR

2.1 A Atividade Lúdica como estratégia para o desenvolvimento da criança

O termo lúdico vem do latim *ludus* e significa brincar, jogar, como define o dicionário Aurélio, que ainda atribui ao lúdico o significado de “relativo a jogos, brinquedos e divertimentos” (p.465). Remetendo-nos assim à ideia de som, movimento e imaginação, aspectos estes que permitem à criança o aprendizado através da música, da dança e brincadeiras em grupo ou individuais.

Toda criança precisa de carinho e de atenção, e a educação deve trabalhar de forma a garantir à criança os seus direitos: direito à vida, à educação e também o direito de brincar. As instituições devem ter ambientes que permitam às crianças o contato com atividades lúdicas. Para Fridmann (1998), toda criança necessita usufruir os benefícios emocionais, intelectuais e culturais que as atividades lúdicas proporcionam.

No século XV o termo criança ou infância ainda não existia e estas eram vistas como adultos em miniatura. De acordo com Cambi (1999), na Idade Média as crianças tinham um papel social mínimo, e eram considerados “pequenos homens”. Isto era possível verificar através de suas vestes, de sua participação na vida social e até mesmo seus brinquedos eram idênticos aos objetos dos adultos. Apenas na Idade Moderna surgiu a separação, e a criança passou a ter maior reconhecimento e atenção. Atualmente essa realidade vem mudando e se percebe a criança como um ser social, afetivo e cognitivo, com oportunidades de brincar.

De acordo com Teixeira e Volpini (2014), o brincar faz parte da vida de todas as crianças, independentemente de sua cultura, religião e classe social. Todas elas têm o direito a um ensino que explore o brincar, pois é a partir dele que a criança vive em um mundo de fantasia, desenvolve sua autoconfiança, autoestima, linguagem, pensamento e autonomia.

Para entender uma criança é preciso conhecer o que é o brincar e o que são as vivências lúdicas, assim, se torna importante que professores se utilizem do lúdico na aprendizagem dos alunos. De acordo com Teixeira e Volpini (2014) é por meio do brincar que a criança desenvolve suas habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas e cognitivas, ou seja, as crianças não estão apenas brincando, elas estão aprendendo, conhecendo ensinando.

Para Friedmann (1998) é por meio do lúdico que a criança desenvolve e aprende de forma mais simplificada e divertida, sendo a brincadeira e o jogo, algo próprio da infância tornando assim a aprendizagem mais prazerosa.

A criança brinca pelo prazer, sem fins de aprendizagem. A brincadeira é mais do que uma atividade sem consequência para a criança. Brincando, ela não apenas se diverte, mas compreende o mundo em que vive e se relaciona, e que parece tão grande aos olhos dos adultos. Conforme Teixeira e Volpini (2014, p.77) “é durante a infância que ocorrem interações entre o mundo e o meio em que a criança vive, ocorrendo uma aprendizagem significativa”.

Ainda conforme Vygotsky (1988), o conhecimento é construído em conjunto, ou seja, através da integração social. Sendo assim, nas atividades escolares é comum que as crianças brinquem em grupos ou de forma individual. É comum que alguns professores deixem que os alunos brinquem sozinhos, sem se importarem com o quanto estão aprendendo uns com os outros. A brincadeira tem um porquê, um sentido, e objetivo que devem ser planejados. Não é necessário que a sua execução seja exatamente como planejada, deixando assim as crianças livres para modificá-las de acordo com sua necessidade, porém é importante que ela não sirva apenas para ocupar o tempo.

O jogo é também uma atividade lúdica. Piaget (1975) os classificou em três grupos: jogos de exercícios, jogos simbólicos e jogos de regras. O Jogo de Exercício é indicado para as crianças no estágio de desenvolvimento sensório- motor, esses jogos irão auxiliar as crianças na consolidação de seus esquemas sensoriais e motores. Já o Jogo Simbólico é indicado para as crianças do período Pré-Operatório, onde estão construindo a representação, e, aos poucos, romperão com o egocentrismo, característica marcante nessa fase. Os Jogos de Regras devem ser inseridos na fase Operacional Concreta, onde a criança, ao jogar em grupo, estará estabelecendo relações sociais e passa a ter maior interesse pelo social.

Em cada estágio do desenvolvimento a criança tem limitações e possibilidades e é através da ação que ela irá romper com vários obstáculos até chegar a um conhecimento mais complexo, conhecimento este que pode ser visto tanto em uma ótica qualitativa quanto quantitativa.

Através dos seus estudos, Piaget explica como a criança que ao nascer possui cinco sentidos (audição, visão olfato, paladar, tato) e dois reflexos, (sucção, apreensão), se desenvolve construindo o seu conhecimento fisicamente e intelectualmente até chegar a uma melhor estrutura. Cunha (2009) em seu livro: “Cor, Som e Movimento” também enfatiza que o primeiro contato da criança com o mundo se dá através dos cinco sentidos e são estas interações e

curiosidades que fazem com que as crianças se desenvolvam.

2.2 Planejamento e sua importância para a elaboração e reelaboração dos caminhos da prática pedagógica na Educação Infantil

No ambiente escolar o planejamento é, em sua essência, objeto instrumental essencial para os docentes prepararem suas aulas. De acordo com Goldberg (2013), o planejamento é uma forma de controle da realidade, visto que, o mesmo deve ser feito de acordo com os interesses e necessidades de seus alunos, determinando os objetivos que devem ser alcançados.

Um planejamento serve como base para observar as atividades e as conjunturas durante a realização das atividades, auxiliando no processo de ensino aprendizagem. Esta ferramenta evita que o professor esteja despreparado em caso de problemas e/ou eventualidades inesperadas. O ato de planejar oferece maior preparo do professor frente às dificuldades que possam ocorrer durante a execução das atividades propostas. Sabendo da importância desta ferramenta, o planejamento deve ser estabelecido de modo flexível e de acordo com a realidade dos alunos, não deve ser engessado, mas pelo contrário, deve ser flexível.

O papel do planejamento só é importante como apoio, tanto de revisão como de exercício de imaginação, de levantamento de possibilidades de uma ação educativa num tempo/lugar chamado escola. Serve para recolocar a professora como uma das mediadoras do processo de aprendizagem (REDIN, 2013, p. 22-23).

Ainda de acordo com Redin (2013), o planejamento também é importante para que o professor possa rever a sua postura, analisar em que precisa melhorar e o que pode permanecer no processo de ensino aprendizagem. O objetivo do planejamento não é impor caminhos, mas, sim, indicar direções. Então para a autora, planejar é não ter medo do inesperado, não deixar tempo ocioso, não nos engessarmos no sistema de forma inflexível e, sim, analisar o processo da realização das atividades como um todo e observar suas necessidades e especificidades.

Segundo Jesus e Germano (2013), o professor precisa de embasamento teórico e científico, para planejar suas atividades, e, por mais que a prática lhe proporcione grandes experiências ele só conseguirá uma melhor compreensão do desenvolvimento do aluno ao se embasar em estudos teóricos. Completam ainda, que o planejamento prepara o educador para lidar com as diversas situações que podem ocorrer, sejam elas previstas ou não.

Ao se embasar nas teorias, os professores terão maiores subsídios para identificarem os

avanços e as dificuldades dos alunos, e conseguirá também perceber as necessidades específicas de cada um, e dessa forma, passa a ser possível que estas sejam superadas.

As tarefas do professor vão muito além da sala de aula. Ele deve planejar suas aulas com antecedência, sendo este planejamento de vital importância para a ampliação da visão dos possíveis acontecimentos que poderão ocorrer durante a realização das atividades.

Como o professor deve atuar como mediador, ao preparar suas aulas ele pensará em sua turma e de que maneira poderá desenvolver as atividades com os alunos, pensando nos objetivos destas atividades que melhorarão o processo de ensino aprendizagem. Com o auxílio do planejamento, o professor terá maiores condições de explorar os detalhes, prever desdobramentos, conhecer e levar novas estratégias, criar um espaço de discussão enriquecendo suas atividades e dando aos alunos a oportunidade de interagir melhor com as atividades propostas.

O planejamento, juntamente com a rotina, irá compor um ambiente escolar saudável. De acordo com Barbosa (2000), a rotina constrói a subjetividade das crianças e dos adultos das instituições. Essa subjetividade irá auxiliar o professor a compor o seu planejamento de forma flexível, uma vez que irá se resguardar nesses hábitos. Essa prática muitas vezes é baseada nos horários de entradas/ saídas bem como o horário da alimentação.

O coordenador pedagógico (CP) também precisa se organizar e planejar para realizar suas funções. De acordo com Corrêa e Gesser (2012, p. 9), o coordenador deve “comprometer-se com sua própria formação, acompanhar os professores em suas atividades, analisar processos de planejamento e avaliação”. Assim, espaços para debate e discussão sobre assuntos que estejam acontecendo dentro da escola ou que seja uma demanda da comunidade é de grande importância.

Ainda cabe ao CP buscar parceria com a comunidade pertencente à escola, mobilizando-os da importância da participação familiar na educação. A instituição possui o Projeto Político Pedagógico (PPP), que deve ser construído por toda a comunidade, bem como os funcionários da escola e de acesso a ambos. Através do PPP, conforme afirmam Corrêa e Gesser (2012), o coordenador tem o papel de supervisionar se os professores estão comprometidos e respeitando as ações presentes nele.

2.3 A Intencionalidade e sua importância para o fazer pedagógico na Educação Infantil

Na sala de aula o professor é quem irá mediar de forma intencional às atividades. A intencionalidade do professor será de acordo com o seu planejamento, ou seja, com o que estiver previsto para ele ensinar aos alunos. Lembrando que este planejamento deve ser flexível e as

crianças podem e devem contribuir com as aulas, fazendo questionamentos, ou até mesmo dando sugestões sobre determinados assuntos.

Para Franco (2006), a figura do professor vai se configurando no mesmo movimento da configuração histórica da infância. O professor é aliado da infância, e é por meio dele que a criança desenvolve a criatividade e a imaginação. Saura (2013) afirma que o professor tem o papel de mediador, observador e potencializador do brincar.

Mesmo quando a brincadeira é orientada pelo professor, este não deve impor as regras, é importante deixar que as crianças criem suas regras. É necessário para seu desenvolvimento que o professor as dê liberdade de escolha das brincadeiras e a possibilidade de fantasiá-las de acordo com sua imaginação.

O adulto não deve reprimir brincadeiras como “polícia e ladrão”, pois o que a criança coloca em jogo é a fantasia, a brincadeira e não o real. É importante que as fantasias das crianças sejam respeitadas. Vectore (2003) afirma que o professor deve saber a hora de deixar as crianças brincarem de forma espontânea, a hora de interferir, ou até mesmo se tornar parte integrante da brincadeira. Muitas vezes os professores usam o brincar de forma aleatória e improvisada sem se preocuparem com a intencionalidade e objetivo da mesma. Segundo o autor:

É um bom mediador quando ao compreender a cultura lúdica, é capaz de favorecer o desabrochar e o desenvolvimento das potencialidades de quem brinca, estimulando o recriar de situações e não apenas a repetição do já aprendido; ao contrário, assume o papel de um mau mediador quando, através de atitudes rígidas e maniqueístas, impedissem mesmo desenvolvimento (VECTORE, 2003, p.111).

Em atividades livres, ao invés de impor o que as crianças devem fazer com os materiais, o mediador deve deixar que elas os explore. Assim, uma simples atividade pode se tornar enriquecedora e estimulante, e neste sentido, um bom mediador é aquele que planeja a brincadeira buscando um objetivo. Estas brincadeiras devem desenvolver a potencialidade das crianças. O bom mediador é aquele que sabe observar as brincadeiras interferindo no momento preciso e deixando a espontaneidade das crianças fluírem.

De acordo com Cunha (2009), na educação infantil, existem duas configurações de concepções: espontaneísta e pragmática. Na concepção espontaneísta “o educador parte do pressuposto que cada criança tem capacidade inata para elaborar a linguagem gráfico-plástica” (p.15). O professor deixará a atividade livre e irá apenas disponibilizar materiais de forma que a criança deixará sua imaginação aflorar, o importante é o processo, que é realizado pelos alunos.

Já na concepção pragmática “o educador acredita que as atividades de expressão gráfico-plástica devem servir para desenvolver a motricidade e/ou preparar para a escrita, ou aprender a construir formas mais semelhantes ao real” (p.15). Aqui o educador está preocupado com o produto, as intervenções são mais no sentido de padronizar as atividades para que os alunos as façam de forma mais real possível.

Os professores não devem se preocupar se o aluno amassar, rasgar, furar ou molhar a atividade, pois neste momento a criança está experimentando e não propriamente destruindo sua atividade. Muitas vezes a preocupação do professor é ter algo para mostrar aos pais no final do bimestre, quando o que deveria importar é que a criança conseguiu experimentar, o que ela aprendeu no processo.

É papel do professor mediar às atividades dos alunos e observá-los. Cunha (2009) afirma que se o aluno desenha sempre o mesmo tipo de cabelo, o professor pode junto aos alunos fazerem uma pesquisa sobre as várias formas de cabelo. Conhecendo a sua turma o mesmo saberá quando intervir, porém, deve respeitar os limites de cada criança, entendendo que são únicas e têm o seu tempo e modo de aprender.

De acordo com Furtuoso e Chicarelle (2012), “a sistematização e intencionalidade na Educação Infantil está voltada para a alfabetização e letramento” (p.1), ou seja, a preocupação é com a escrita e leitura dos alunos. É de grande importância que o aluno tenha conhecimento e envolvimento com o mundo letrado, de forma intencional e sistemática. A criança não precisa necessariamente ser alfabetizada para ser letrada e vice-versa, pois ela pode entender o sentido da escrita e não saber escrever, assim como pode saber escrever e não entender seu sentido.

A criança da Educação Infantil, não domina a linguagem escrita. Com isso, é papel do professor mediar de forma intencional textos coletivos com a turma, mostrando que a língua oral é diferente da língua escrita. Segundo Rodrigues e Garms (2007, p. 12)

...consideramos ser, sim, papel da escola pública de educação infantil inserir a criança no mundo da leitura e da escrita, porém entendemos também que a melhor forma de realizar isso é possibilitar o contato com a leitura/ produção de texto, através dos usos que a leitura e a escrita têm na sociedade, não como um ato motor, mas como ferramenta cultural complexa. É preciso então ensinar a criança como se expressar a partir da linguagem escrita e não apenas ensinar-lhe as letras.

É preciso compreender que, antes de querer que o aluno reproduza a escrita é importante que ele tenha contato com a leitura através do professor, veja seu professor lendo, entenda o sentido desta, para depois desenvolver capacidade de escrita.

3 O COTIDIANO ESCOLAR E O DIÁLOGO COM O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA ESTUDANTE DE PEDAGOGIA DA UFV: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Quando criança meu maior sonho era ser professora. Com o passar dos anos e as novas experiências adquiridas, desisti dessa profissão, e decidi que seria advogada, novamente mudei meus planos e passei a desejar seguir carreira de nutricionista. No último ano do Ensino Médio, decidi que meu verdadeiro sonho e vocação era ser professora.

Fiz o ENEM, e, sem muitas expectativas me candidatei ao curso de Pedagogia na UFV. No entanto, já tinha decidido mudar-me da minha cidade. Uma amiga e eu falávamos que iríamos para Belo Horizonte, trabalhar e só depois começaríamos a estudar.

Meus planos de repente mudaram de rumo e o inesperado aconteceu: fui aprovada no curso de Pedagogia da UFV. Ao chegar aqui percebi que a graduação não seria como eu imaginava. Desde o início me deparei com meus limites no processo de ensino- aprendizagem: o curso era muito teórico e essa característica o deixava cansativo e desestimulante para mim. No entanto, aos poucos fui percebendo que a abordagem teórica era muito importante para compreender a realidade enquanto educadora.

O primeiro período foi formado por disciplinas muito teóricas (psicologia, filosofia, história e sociologia). No segundo período, as disciplinas teóricas continuaram, porém eu comecei a trabalhar no restaurante MU (Espaço Multiuso), onde ajudava a servir o almoço, ou ficava na cozinha secando os pratos. Trabalhei no MU por menos de um mês, pois tive a oportunidade de começar a trabalhar em uma escola privada de Viçosa, na turma do Maternal II – Educação Infantil.

Ao chegar à escola de Educação Infantil me senti despreparada para atuar, afinal, havia feito apenas um período do curso. No entanto, fui muito bem acolhida por todos que trabalhavam no colégio, e, aos poucos, fui percebendo como as teorias abordadas no curso poderiam ser observadas na prática.

Foi a primeira vez que tive contato com a Educação Infantil, onde conheci uma sala adaptada às crianças, onde o mobiliário, mesas, cadeiras, prateleiras, brinquedos e armários são da altura das crianças. A escola tinha banheiro com os vasos sanitários pequenos e a torneira também à altura delas. Isso condizia com a teoria estudada na disciplina de Fundamentos da Educação Infantil I, em que Maria Montessori (2007) reforça sobre a principal modificação: a ambiental, ou seja, que tudo seja adaptado à altura das crianças, para lhes proporcionar um

ambiente agradável e tranquilo.

O pátio da escola que eu realizei o estágio era o sonho de qualquer criança: escorregadores, casinhas, e piscina de bolinhas. O chão onde se encontravam os brinquedos ficava sobre o tatame, no local cimentado uma grama sintética, e ao lado algumas plantas. Um lugar propício para a brincadeira e diversão das crianças, onde poderiam correr, brincar, gritar, interagir com colegas de outras turmas, entre tantas outras atividades que uma criança pode desenvolver em uma escola.

Quando comecei a trabalhar nesta escola, a professora regente da sala estava em um Congresso no Rio de Janeiro, a sala estava sob o comando da estagiária. Fui convidada pela estagiária atual e contratada pela coordenadora para assumir o lugar da estagiária que estava saindo para fazer estágio obrigatório na Educação Especial. Todas as professoras da escola elogiavam muito a professora com a qual eu fui trabalhar, inclusive, um dos alunos da turma ficou a semana toda sem ir para a aula porque a professora estava ausente e ele não ia para a escola se ela não estivesse por lá.

Na semana seguinte a professora voltou do Congresso, e o aluno que ficara uma semana fora, voltou. A professora era completamente diferente da imagem que construí sobre ela. Ela chegou e me mostrou o porquê o aluno só ia à escola quando ela estava lá, pois tinha um grande carinho com os alunos, e sempre os recebia com um sorriso no rosto. Cada um em sua imaginação constrói a professora dos sonhos antes de ir para a escola, muitas vezes se frustram por não encontrar o que imaginaram, mas pode acontecer de ter suas expectativas superadas ao encontrar uma ainda melhor que o esperado, como aconteceu comigo.

A professora tinha uma relação de troca de conhecimento muito grande com os alunos, sempre lhes dando autonomia e oportunidade de expressarem o que acharam da atividade proposta e interagirem com a mesma. Ela interagia com as demais professoras e todas buscavam trocar conhecimentos e novas ideias, juntamente à coordenadora. A professora tinha uma relação muito próxima aos seus alunos, e eu podia verificar na prática o que aprendia em Didática II ao estudar o texto *Relações Professor-Aluno na Sala de Aula*, do autor Libâneo (1991); este afirmava que o professor deve ser autoridade em sala de aula, sem ser autoritário, ou seja, ele mantém a disciplina em sala, planeja suas aulas, traça seus objetivos, mas sempre ouve seus alunos, dando-lhes autonomia.

As crianças gostavam muito de brincar com esta professora, principalmente no pátio, pois podiam correr e gritar. Cabe salientar que essa professora é formada em Artes Cênicas, Pedagogia e Teatro. Com isso, ela personificava personagens como “lobo mau”, “bruxa”, e

muitos outros que as crianças pediam. Seu maior prazer era fazer as crianças felizes, e ela alcançava seu objetivo. Elas pediam para a professora imitar a bruxa e adoravam cantar “Bruxa, bruxa tem chulé”. Nas aulas de Educação Infantil II, no curso de Pedagogia, estudamos a autora Sônia Kramer, através da obra “De que professor precisa para a Educação Infantil? ” O texto trazia uma rica compreensão dessa relação entre professor e aluno e tem relação com essa realidade descrita acima:

Podemos aprender com as crianças, olhar seus gestos, ouvir suas falas, compreender suas interações, ver suas produções. Entende-las dessa maneira não significa, contudo, abrir mão de nosso lugar e de nosso papel como adultos, de nossa experiência e autoridade (KRAMER, 2003. p,11).

A professora fazia muito bem a seus alunos, que tinham total liberdade para se expressarem e contribuírem da melhor maneira com as aulas, expondo suas opiniões de criança. No final do ano a apresentação final para a família foi de escolha da turma. A professora deixou que os alunos escolhessem como queriam se fantasiar e montou a coreografia junto com eles. Como na sala as crianças falavam muito de príncipes e princesas e gostavam da bruxa, pediram para que a professora se vestisse de bruxa. Os pais ficaram maravilhados. Uma mãe se emocionou muito ao ver seu filho no palco se divertindo junto às outras crianças, pois ela imaginava que ele ficaria tímido e não se apresentaria para outras pessoas.

A professora fazia seu planejamento semanalmente e, quinzenalmente tinha reunião com a coordenadora, para esclarecer dúvidas e trocarem ideias de atividades de acordo com a realidade e de forma que aumentassem as habilidades das crianças. Conforme Geglio (2008), a formação continuada dos professores também deve ser feita dentro da própria instituição, e organizada pela coordenadora. E isso sempre ocorria e ocorre na escola. As professoras da Educação Infantil se reuniam com a coordenadora, e quando necessário a mesma convidava especialistas em determinado assunto para capacitar as professoras.

Em 2015 inicia minha experiência no Maternal I. A professora continuou sendo a mesma. Sua didática não mudou muito, pois continuou dando autonomia e liberdade às crianças, porém sabia que seus limites seriam diferentes e suas vontades também, pelo fato de serem alunos mais jovens.

Durante a adaptação ela dava total liberdade para os pais ficarem dentro da sala de aula até se sentirem confiantes em deixar seus filhos, aqueles que ficavam por um período maior, ela procurava para pedir um feedback desses e de seus filhos em relação à escola. Cada criança teve

seu tempo para se adaptar e este tempo foi respeitado. Passada adaptação eram apenas sorrisos dentro da sala de aula.

Os alunos ficavam encantados com a professora que cantava e dançava dentro da sala, que modificava sua voz ao contar histórias, até um dinossauro foi feito pela professora e recebeu o nome de Dino. O Dino foi feito para a adaptação de um aluno em específico, que estava com dificuldades em se adaptar à escola e como Dino sempre pulava do bolso do jaleco da professora, as crianças se divertiam e a despedida da mãe se tornava menos dolorosa. A professora escondia-o em seu bolso, e de repente o colocava para saltitar entre as crianças.

Logo no início do ano teve uma apresentação para os pais dentro da sala de aula. A professora pediu que os pais mandassem um par de meias para a escola para que pudesse confeccionar uma lagarta e uma borboleta, os alunos a colocariam nas mãos e cantariam a música “A Borboleta e a Lagarta”, do grupo musical Palavra Cantada. Poucos alunos cantaram, mas todos eles gostaram de brincar com a borboleta e a lagarta em suas mãos, ou nas mãos da professora e estagiárias, e os pais relataram que em casa seus filhos ficavam o tempo todo cantando e acenando a música.

As atividades realizadas com as crianças eram bem lúdicas e a professora sempre buscava trabalhar com material concreto. Ao estudarem o livro dos Três Porquinhos, a professora levou palha para sala de aula, usou palitos de picolé para representar a madeira e pediu como dever de casa que os pais procurassem algumas pedras com os filhos e as levassem para a sala.

Na escola tinha três casas (de palha, madeira e pedra), feitas de caixa de papelão, uma era recoberta de palhas, a outra de cascas de árvore para representar a madeira e para representar os tijolos, papel de parede com imagens de pedra. Então a professora as levou para a sala de aula para que fossem exploradas pelas crianças. Para finalizar a professora levou as crianças na Suinocultura (localizada dentro do Campus da UFV), para que vissem os porcos além dos livros de estórias.

Trabalharam também o livro Cachinhos Dourados, através do qual a professora fez diversas atividades envolvendo conceitos matemáticos, como grande, pequeno e médio. Para trabalhar com o concreto ela pegou três cadeiras de diferentes tamanhos na escola (pequena, média e grande), dentro da sala escolheu três alunos de diferentes tamanhos para facilitar a memorização de conceitos matemáticos.

No curso estudamos a disciplina Matemática I, e uma reflexão interessante foi a de Grandó e Moreira (2012), “como crianças tão pequenas, cuja maioria não sabe ler nem escrever, podem resolver problemas de matemática?” Os autores explicam que existem várias formas de

registrar os conceitos matemáticos, como por exemplo, em forma de desenhos.

Foram trabalhadas receitas culinárias também, como biscoitos, mingau da Mamãe Ursa (da estória: Cachinhos Dourados) e leite cor de rosa. O leite cor de rosa, foi uma receita pedida pelos alunos, pois na sala tinha um livro do Charlie e Lola “Eu não quero dormir agora, Charlie!”, e no livro falava do leite cor de rosa, que os alunos pediram para a professora fazer, e ela o fez com o maior prazer. Em Didática II, de acordo com Farias (2009), pude perceber que o planejamento não é neutro, deve se levar em consideração a necessidade dos alunos, que ambos devem ter autonomia, assim como os alunos a tiveram para pedir o leite cor de rosa.

No decorrer do ano o Maternal I e II trabalhou em um projeto sobre o fundo do mar. Eles assistiram filmes, documentários vendo diferentes tipos de peixes, e aprendendo sobre estes brincando.

No final do ano, a apresentação dos alunos foi sobre o Circo e o maior espetáculo foi o conhecimento adquirido pelas crianças no decorrer do ano. A apresentação foi tranquila e espontânea. As crianças se vestiram de palhaços e brilharam. A coreografia foi livre e dirigida ao mesmo tempo, pois tiveram ensaios de como deveriam dançar. Assim, cada um acabou dançando de um jeito próximo à coreografia, mas dançaram livremente, o que tornou o espetáculo ainda mais brilhante e apaixonante. Mais uma vez os pais se emocionaram.

Em 2016, acompanhei a turma do Maternal I para o Maternal II e mudei de professora. A professora seguia a rotina “à risca”, as crianças tinham o horário de brincar ao chegarem, a rodinha para começarem as atividades, o recreio, o lanche, higienização, descanso, jogos, pátio e cantavam, ouviam músicas ou brincavam de lego antes de irem embora. Mesmo pequena a criança precisa saber que a sociedade é composta de regras que devem ser seguidas. E a rotina é importante até mesmo para reduzir a ansiedade deles, pois sabiam que teriam tempo para brincar, lanche e fazer as atividades.

Havia alunos que não gostavam de dormir, mesmo assim a professora colocava colchonetes para todos e eles deitavam para ouvir uma música ou assistir algum DVD educativo. Uma mãe afirmou que adorou a ideia da soneca, pois seu filho era muito agitado e começou a relaxar na hora do descanso, e mesmo em casa quando estava muito cansado ele deitava-se e dizia que ia relaxar.

Rapidamente as crianças absorveram a rotina e gostavam dela também, já que logo na chegada, tinham a rotina exposta pela professora que os dizia tudo o que seria realizado naquele dia. Novamente foi um ano cheio de surpresas e aprendizagens. As crianças foram até o Recanto das Cigarras (localizado dentro do Campus da UFV). O Recanto foi mostrado a elas como uma

montanha, o passeio foi após estudarem sobre montanha.

As professoras do Maternal I e II trabalhavam em parceria, pois tinham um projeto anual que desenvolviam juntas e o pátio, ou momento de recreação, acontecia ao mesmo tempo. Neste ano o projeto foi sobre animais domésticos, animais selvagens e seu habitat. No decorrer do ano as crianças estudaram sobre alguns animais, seu habitat, sua alimentação, fizeram painéis e assistiram a um filme chamado Loráx, que fala sobre o desmatamento, e ausência de habitat para os animais devido à destruição. Ao verem o filme com as crianças as professoras as perguntaram o que havia acontecido e algumas crianças debateram com as professoras, dizendo que o homem cortou todas as árvores e por isso os animais ficaram sem casa. Então elas entenderam a importância das árvores e dos animais.

Também pude observar os atos da coordenadora, a qual possuía uma relação de amizade com todas as professoras, além da relação profissional. Ela fazia reunião semanalmente com as professoras durante as aulas especializadas, como Inglês, aula de Música ou Hora do Conto (aula de contação de estórias). Procurava saber das dificuldades das professoras, conversava sobre os planejamentos de aula e outros assuntos que fossem necessários. Quando necessário ela também ia para a sala de aula ajudar. Como por exemplo, no Infantil I que durante a adaptação ela foi várias vezes até a sala ajudar acalentar as crianças.

Na disciplina Estágio em Gestão, oferecida no curso de Pedagogia da UFV, discutimos um texto de Almeida (2004), que apresenta os muitos desafios enfrentados por um coordenador pedagógico de escola pública. O autor aborda que, muitas vezes, ele é visto como o apagador de incêndios, com várias funções e tarefas que não são destinadas a ele. No entanto, estes problemas não foram presenciados por mim nessa escola, pois a coordenadora sempre foi muito atenciosa com seu trabalho e ciente de seus compromissos pedagógicos.

Ainda assim, ela não deixava de passar nas salas para ver se estava tudo bem ou se precisavam de algo, ou tratar outros assuntos inesperados. E as reuniões com as professoras sempre aconteciam no contra turno, justamente para não haver imprevistos que pudessem comprometer reunião.

Mensalmente também eram feitas reuniões com todas as professoras para debaterem alguma temática que estivesse acontecendo no colégio. Liam textos e se reuniam para debatê-los. Assim vejo que estavam sempre se aprimorando para melhorar o aprendizado dos alunos e sempre que possível complementando sua formação. A coordenadora procurava sempre promover palestras com especialistas para ajudar na formação continuada e aprimoramento dessas professoras.

No decorrer do curso de Pedagogia da UFV os professores sempre nos falavam da importância de continuarmos nos especializando, seja para trabalhar com a EJA, com alunos portadores de necessidades especiais, ou para sabermos das mudanças na educação e estarmos sempre atualizados para trabalharmos da melhor forma. Mas foi no estágio em gestão que ficou mais claro o quanto é importante essa especialização continuada que de acordo com Geglio (2008), a própria instituição deve proporcionar, além disso, é papel da coordenadora promover o estímulo à especialização.

Foram anos de grande aprendizado, em que pude presenciar de perto a teoria e a prática se mesclando; pude aprender muito com todas as docentes, e os ensinamentos dessas foram se somando aos poucos, tanto os adquiridos com as professoras que trabalhei quanto com as professoras que me auxiliaram nesse processo de formação enquanto educadora.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso é uma forma de fazer memória a esse processo de formação, além de contribuir para que o leitor possa fazer um diálogo entre realidade vivida em uma escola de Educação Infantil e a teoria apresentada ao longo da formação, teoria essa que me proporcionou um olhar mais crítico para a prática.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após quatro anos de curso, estudando teóricos que discorrem sobre a importância da ludicidade, educação, enquanto estagiava na Educação Infantil com professoras que atribuem importância às brincadeiras com as crianças, pude concluir o quanto estas aprendem melhor através das brincadeiras, sejam individuais, em grupo, com ou sem a mediação do professor.

O lúdico ajuda no desenvolvimento de habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas e cognitivas. Além disso, as crianças aprendem brincando e ensinam umas às outras, o professor por sua vez tem o papel de planejar e direcionar as atividades.

Sendo assim, o planejamento deve ser feito de acordo com a realidade e necessidades dos alunos, além de ser um direcionamento para não haver tempo ocioso, ele deve ser flexível de forma que os alunos possam modificá-lo na medida em que sentirem necessidade.

As brincadeiras sugeridas pelo professor sejam elas individuais ou não, sempre terão um porquê e um objetivo, não serão simplesmente brincar, visto que foi verificado que crianças aprendem por meio das brincadeiras. O professor quem tem que saber quando intervir durante estas brincadeiras, pois muitas vezes chegando com regras impostas, não consegue perceber que há outros meios de brincar, e impede assim que a criança use sua criatividade.

Muitas vezes na Educação Infantil os professores comentem um equívoco, deixando menos tempo para as crianças brincarem, priorizando o letramento e a alfabetização, acabam pulando a etapa da aprendizagem através das brincadeiras. É importante que a criança seja letrada, no entanto há vários meios de ensinar. Como por exemplo, construção de um texto coletivo dentro da sala, onde o professor quem irá mediar e escrever este texto, e depois ler perto dos alunos.

O lúdico deve sempre ter seu espaço tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, pois independentemente da idade seus benefícios são visíveis. Meu primeiro contato com a Educação Infantil foi fascinante e muito enriquecedor, pude aprender com a teoria e na prática com as professoras com quem tive oportunidade de trabalhar, cada uma com sua habilidade características únicas.

Com esse trabalho tive a intenção de abrir espaço para a discussão em torno da prática vivenciada por estudantes que cursam pedagogia, compreendendo que a teoria não pode ser dissociada da prática. O Relato de experiência apresentado aqui foi justamente um resgate das vivências nas turmas de Educação Infantil relacionado a outras experiências, não menos importantes, com os autores e conceitos aprendidos em meu processo de formação enquanto

educadora no curso de Pedagogia da UFV.

Seria interessante para complementar a discussão trazida por esse trabalho, realizar uma comparação entre a vivência de um estudante que estagiou em Educação Infantil em uma escola privada e um que estagiou em uma escola pública, e assim, traçar as diferenças significativas entre estas. Assim, poderá propor políticas públicas de inclusão e discutir formas de padronizar o ensino infantil de modo a proporcionar à todas as crianças um ensino inclusivo e de qualidade.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L, R de. Um dia na vida de um coordenador pedagógico de escola pública. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 2004, p. 21-45.

ARAÚJO, J, M de; ARAÚJO, A, F. Maria Montessori: infância, educação e paz. IN: GOMES, M de O; PASCHOIM, A, S. **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 115 – 144.

BARBOSA, M, C, S. Fragmentos sobre a rotinização da infância. **Educação e realidade**. V. 25, N.1. Porto Alegre: UFRGS, dez. – Jan. /Jul. 2000, p.93-113.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999. **Compreendendo universo lúdico**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/compreendendo-universo-ludico/35525>>. Acesso em: nov. 2017.

CORRÊA, S de S; GESSER, V. **O planejamento educacional e o papel do coordenador enquanto mediador neste ato político**. Maringá – Paraná. 2012. 13f. Universidade Estadual de Maringá.

CUNHA, S, R, V da. Pintando, bordando rasgando, desenhando e melecando na educação infantil. In: **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 7 ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. Cap. 1, p. 8 – 36.

FARIA, A, L, G de. Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. IN: GOMES, M de O; PASCHOIM, A, S. **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 277 – 294.

FARIAS, I, M, S de; SALES, J, O, C, B; BRAGA, M, M, S, C; et al. O planejamento da prática docente. In: **Didática e docência. Aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livros, 2009. Cap. 4. p. 103 – 127.

FRANCO, M, E, W. **Compreendendo a infância**. Porto Alegre, 2006.

GEGLIO, P, C. O papel do coordenador pedagógico na formação do professor em serviço.

In: **O Coordenador Pedagógico e o cotidiano da escola**. 5° ed. São Paulo. Edições Loyola, 2008, p. 113 – 119.

GOLDBERG, M, A, A. Avaliação e planejamento educacional: problemas conceituais e metodológicos. p. 62-72, 2013

GRANDO, R. C.; MOREIRA, K. G. Como crianças tão pequenas, cuja maioria não sabe ler nem escrever, podem resolver problemas de matemática. In: **Matemática e educação infantil: investigações de práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2012. Cap. 6. p. 121 - 143.

JESUS, D, A, D de; GERMANO, J. A importância do planejamento e da rotina na educação infantil. 2013. p. 29 – 40. **II JORNADA DE DIDÁTICA E I SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CEMAD**, Docência na educação superior: caminhos para uma práxis transformadora.

LIBÂNEO, J, C. Relações Professor – Aluno na Sala de Aula. In: **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991, Cap. 11, p. 249 - 255.

LIMA, T, C, S, de; MIOTO, R, C, T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 37 – 45, 2007.

KISHIMOTO, T, M. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

KRAMER, S. De que professor precisamos para a educação infantil? Uma pergunta, várias respostas. **Pátio. Educação Infantil**, ano 1, n. 2. 2003.

MINAYO, M, C, de S. Ciência Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. 21. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 1, p. 9 – 29.

OLIVEIRA, Z, R de. A construção social da criança. In: **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 123 – 132.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3. ed. Suíça, 1971.

REDIN, M, M. Planejando na Educação Infantil com um fio de linha e um pouco de vento. In: **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na Educação Infantil**. 2 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013, Cap. 1, p. 19 – 37.

SAURA, S, C. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. **RevBrasEducFís Esporte**, São Paulo, 2013. p. 1 –13.

TEIXEIRA, H, C; VOLPINI, M, N. A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola. Bebedouro – SP. 2014. p. 76 – 88. Centro Universitário UNIFAFIBE.

VECTORE, C. O Brincar e a Intervenção Mediacional na Formação Continuada de Professores de Educação Infantil. São Paulo. 2003. 14(3), p. 105 – 131. Faculdade de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia.

VYGOTSKY, L S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar.et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: EDUSP,1988.